

Espírito crítico & lugar no mundo

Paulo Ferreira da Cunha¹

Resumo: Ter espírito crítico equivale a saber o seu lugar no mundo e a orientar-se, ou seja, a saber agir, o que significa o desenvolver a virtude da *prudentia*. Se o espírito crítico parece ser, *prima facie*, uma questão gnoseológica (tratar-se-ia, antes de mais, de conhecer, bem conhecer, sem ser ludibriado), ele adquire, ao associar-se à orientação no mundo, com um intuito prático, uma dimensão ética (um bem fazer, *rectius*: um fazer bem).

Palavras Chave: Sentido crítico, espírito crítico, *prudentia*, virtudes, gnoseologia, conhecimento, verdade, *fake news*, ética, moral, prática.

Abstract: Having a critical spirit is equivalent to knowing your place in the world and being oriented, that is, knowing how to act, which means developing the virtue of prudence. If the critical spirit seems to be, *prima facie*, a gnoseological question (it would be, above all, to know, to know well, without being deceived), it acquires, when associated with orientation in the world, with a practical aim, an ethical dimension (to find the good thing to do).

Keywords: Critical sense, critical spirit, prudence, virtues, gnoseology, knowledge, truth, fake news, ethics, morals, practice.

Adão, onde estás?

Gén. III, 9

I. Espírito crítico: tesouro esquecido ou incompreendido

Talvez o mais precioso tesouro que me foi confiado pela mítica Escola que em boa medida me formou tenha sido a criação, em mim, de um espírito ou sentido crítico. Deu, pelo menos, um enorme contributo para que eu viesse a caminhar nessa senda – aliás nunca completamente alcançada ou concluída.

Era uma escola que ensinava e remetia para outros mestres, desde logo bons autores, clássicos e modernos. Bem me recordo (ecoam fundo em mim essas palavras fundantes) da leitura enlevada que fiz então do trecho emblemático de António Sérgio, apresentando o pequeno manual filosófico introdutório de Bertrand Russell. Valerá a pena uma citação um pouco longa:

“[...] Ao aprendiz de filósofo (ao jovem aprendiz, pretendo eu dizer, e na minha qualidade de aprendiz mais velho), rogo que se não apresse a adoptar soluções, que não leia obras de uma só escola ou tendência, que procure conhecer as argumentações de todas, e que queira tomar

¹ Juiz Conselheiro do Supremo Tribunal de Justiça, Portugal. Catedrático da Faculdade de Direito da Universidade do Porto (funções suspensas para dedicação à magistratura).

como primário escopo a singela façanha de compreender os problemas: de compreendê-los bem, de os compreender a fundo, habituando-se a ver as dificuldades reais que se deparam nas coisas que se afiguram fáceis ao simplismo e à superficialidade do que se chame «senso comum (**a filosofia é, em não pequena parte, a luta do bom senso contra o «senso comum»**)».

[...] Ora, se o fundamental da filosofia é de facto a **crítica**, e se, pois, a filosofia deve ser estudada não pelo mérito das respostas precisas sobre um certo número de questões primárias, senão que pelo valor que em si mesma assume, para a cultura do espírito, a mera discussão de tais problemas, segue-se que **é ideia inteiramente absurda a de se dar a alguém uma iniciação filosófica pela pura transmissão das respostas** precisas com que pretendeu resolver esses tais problemas um determinado autor ou uma certa escola. Deverá pois a iniciação filosófica assumir um carácter essencialmente crítico e consistir num debate dos problemas básicos que não seja dominado pelo intuito dogmático de cerrar as portas às discussões ulteriores [...] Repito: seja a filosofia para o aprendiz de filósofo não uma pilha de conclusões adoptadas, e sim uma actividade de elucidação dos problemas. É esta actividade o que realmente importa, e não o aceitar e propagandear conclusões. Como tive ensejo de notar algures, pode ser muito útil para a vida prática o simples conhecimento do enunciado de uns tantos teoremas de matemática; porém, não há nisso sombra de valor cultural: só possui de facto valor cultural o perfeito entendimento dos raciocínios que nos dão as provas dos enunciados.

Por isso mesmo, ao lermos um filósofo de genuíno mérito, de dois erros opostos nos cumprirá guardar-nos: o primeiro, o de nos mantermos aí eternamente passivos, de tudo aceitarmos como se fossem dogmas, de que depois tentaremos convencer o próximo; o segundo, o de criticarmos demasiado cedo, antes de chegarmos à compreensão do texto. Para evitar o escolho do segundo erro, **a atitude inicial do aprendiz de filósofo deverá ser receptiva e de todo humilde**. Se achar uma ideia no texto de um Mestre que lhe pareça de fácil refutação, conclua que ele próprio é que a não percebe, e que o pensar do autor deverá ser mais fino, mais meandroso, mais facetado, mais verrumante, do que ao primeiro relance se lhe afigurou: e que se lhe impõe portanto uma atenção maior [...] e o melhor processo nessa primeira fase, é talvez o de refazermos por iniciativa nossa, com exemplos familiares da nossa experiência, a doutrina exposta pelo autor que estudamos, até que a tenhamos como coisa nossa, porque feita de matéria verdadeiramente nossa, e reconstruída pelo nosso espírito.”²

Sempre recordo este passo decisivo, e para mais belo e verdadeiro: “mais fino, mais meandroso, mais facetado, mais verrumante, do que ao primeiro relance se lhe afigurou”. Como seria importante não só que os opinadores de redes sociais colhessem esse resguardo e recato nos seus comentários, como os próprios colunistas e comentadores de órgãos de grande comunicação social, e mesmo os professores de todos os níveis de ensino. Será que entenderam? Ou há algo “mais fino, mais

² SÉRGIO, António — Prefácio a *Os Problemas da Filosofia*, de Bertrand Russell, Coimbra, Arménio Amado, 1959, p. 7 ss..

meandroso, mais facetado, mais verrumante, do que ao primeiro relance se lhe afigurou”? Quantas vezes há. E quantas vezes se não perde, com incompreensões e distorções, pela sem-cerimónia apressada dos que querem falar muito, escrever muito, aparecer muito na ribalta mediática.

É subtil esta dimensão do pensamento crítico, que infelizmente falta hoje muito. E a culpada por essa lacuna, numa sociedade praticamente desertificada de Educação pela Família e pelos *media* (a primeira sem tempo e sem forças anímicas e suficientes convicções éticas para educar, os segundos em boa parte deseducando, ou não se preocupando com isso, dados os interesses lúdicos, comerciais e políticos que mais alto se levantam) é, afinal, a Escola.

Como? Porquê? Sendo trabalhadores em geral digníssimos e abnegadíssimos, e hoje em condições de trabalho e vida muito difíceis (ao ponto de escassearem vocações em vários países, desde logo no nosso), os Professores não são todos iguais, e alguns andam confundidos ou distraídos. Há docentes que confundem a sua função com a burocracia (trabalham para as estatísticas e as avaliações próprias); outros andam em busca de popularidade (entre os estudantes, os colegas, ou o público) – e daí as *folies bergères* pedagógicas, de que falava um grande poeta e professor; outros ainda vivem ensimesmados no dogmático narcisismo do *magister dixit*.

Ao contrário destes três tipos-ideais de maus professores (e outros se lhes acrescentariam), nas instituições escolares onde fui aluno, afora um ou outro caso (que também tem o seu interesse e valor, até para fazer contraste), fui sempre (tal como os meus colegas) incentivado a pensar pela própria cabeça. É verdade que nesse tempo a comunicação social tinha um peso escasso no tempo das pessoas e o facto de se viver em ditadura, numa família de democratas, desde logo estabelecia um filtro muito salutar relativamente ao que se dizia na televisão, na rádio e nos jornais mais alinhados. E não existia *Internet* (esse verdadeiro mundo paralelo ou até *sobremundo*, que se sobrepõe ao mundo real), o que faz toda a diferença. Por outro lado, do mesmo modo que as pessoas mais velhas, em geral, não se coíbiam, na rua, de interpelar um garoto que fizesse alguma traquinice mais inconveniente, admoestando-o sem pejo, também nessa altura as Famílias burguesas (pelo menos essas, creio, mas acho que mais ainda) haviam interiorizado uma função que levavam a sério: educar. Instruir era função da Escola. Mas a Família devia educar. E por isso me foram ensinadas (explicitamente ou implicitamente, por exemplo e osmose) mil e uma pequenas e grandes regras de comportamento que ainda hoje são de grande valor e motivo para algum espanto quando vejo que os mais novos completamente as ignoram. Obviamente, porque não nascem ensinados. Mas hoje muitas famílias parece terem medo de ensinar, e sobretudo de criticar e corrigir, sempre com o enorme receio de perderem o afeto dos mais novos. Por isso, certamente, lhes dão muito dinheiro, lhes permitem tudo, condescendem com tudo, e esperam avidamente assim não ser desprezados e metidos em lares-prisão na velhice. Infelizmente, e concomitantemente, falam pouco e estão pouco presentes. Culpa em grande medida da absorção geral feita pelas solicitações mediáticas, que a todos convocam e retêm, e, como pano de fundo, da sociedade laboralista que não deixa tempos livres. Quando se viram em casa uns com os outros, durante a pandemia da Covid19, em teletrabalho, houve um choque evidente, que ainda não estará suficientemente estudado. Mas, o que se sabe bem, é que havia pais que não sabiam como viver com os filhos... Eram empecilhos excessivos à necessidade de trabalharem... Ou seja, muitas pessoas já estão, certamente, a desabituar-se de serem algo mais que os robots de carga do trabalho permanente. É um vício mesmo para quem teria até alguma liberdade para gerir o seu tempo. Nunca foi tão importante o *slogan*: *get a life*. As pessoas não têm vida. Se acaso ficam com algum tempo livre, muitas delas querem arranjar mais um emprego.

Por ganância de dinheiro (que mascaram com previdência para a velhice ou para os estudos dos filhos, por exemplo), ou simplesmente porque já não sabem viver sem a labuta permanente. É um fenómeno simples, de adestramento e hábito.

Entretanto, endossam-se sempre as funções educativas e afins. Luc Ferry já aludia ao erro comum de pais e educadores que é, *grosso modo*, confundir as classes liceais de Filosofia com uma aula de ginástica mental³. Não se pode meramente conceber um pensar pelo pensar, sem objeto e sem um sentido. Não se pode pensar de forma desordenada e muito menos diletante.

Comungando família, escola e *media* de uma perspetiva lúdica, em que não se pode exigir mais que trivialidades e animação para não traumatizar, e havendo já uma cultura muito institucionalizada de facilitismo (em que professores mais exigentes são vilipendiados e tidos *ipso facto* como maus pedagogos), o nível tem sempre que decair.

Ainda há pouco (creio que em 27 de maio de 2022), Pacheco Pereira fazia na rádio reflexões muito importantes sobre Educação, creio que em entrevista à Rádio Comercial Portuguesa. Infelizmente, não as consigo localizar.

E por isso é que já nem se sabe como se deve tratar um cliente numa loja (o tratamento boçal de “você” e pelo primeiro nome passou a imperar em Portugal – no Brasil, há outras regras, mas em Portugal são, *ou eram*, fórmulas fatais), cumprimentar uma senhora ou dirigir-se-lhe telefonicamente (as novas “telefonistas” do tele atendimento chamam a quase toda a gente “Senhora Maria”, por exemplo). Apenas sinais de barbarização. Mas como em breve já ninguém estranhará, eis que se instituirá a regressão. Também há normas elementares de boas maneiras que são ignoradas e até objeto de grande espanto. Muitas senhoras e meninas já estranham imenso se se lhes cede o lugar num transporte público, ou se se lhes abre a porta de um automóvel. Pode ser até que pensem mal por isso, tais as perversões que andam no ar e vão envenenando as relações sociais.

Mas voltemos ao cerne da questão. Será necessário precisar o que verdadeiramente é o espírito ou sentido crítico. Não o confundindo com algumas coisas que podem querer por ele fazer-se passar. Mas não se trata, entretanto, de alinhar abstratos requisitos, antes de cercar o problema, de forma a apenas deixar claro do que verdadeiramente se trata.

II. Espírito Crítico contra os Dogmatismos

Há elementos muito simples no que poderíamos chamar os pilares do pensamento e da ação, cuja obviedade se perdeu. De tanto andarem as pessoas chamadas para superficialidades e narcotizadas com vários ópios, parece que coisas que antes seriam óbvias de modo algum o são. Cremos que em boa medida essa situação mental e emotiva decorre de se não ter tempo sequer para tirar lições da prática. As coisas ocorrem, e pronto: ocorreram. Há mil e uma explicações cómodas como azar ou sorte, *karma*, acaso, etc. A conexão de causa a efeito, e de efeito motivado por causas gerais, deixam de ter sentido. Até pelo facto de nem sempre funcionarem, apenas serem, em muitos casos, juízos de plausibilidade... As chamadas “regras da experiência comum”, as presunções, etc., que felizmente no Direito ainda

³ FERRY, Luc — *Apprendre à Vivre, Traité de philosophie à l'usage des jeunes générations*, Paris, Plon, 2006, trad. port., *Aprender a Viver*, Rio de Janeiro, Objetiva, 2007.

têm o seu lugar, na vida quotidiana tendem a por muitos ser olvidadas, ignoradas de todo até.

No que diz respeito ao sentido crítico, é mister recordar, assim, algumas coisas elementares, que para alguns (e ainda bem) parecerão pueris e óbvias. Mas não para muitos outros...

Antes de mais, é preciso precisar que espírito ou sentido crítico (vamos usá-los, como até aqui fomos já fazendo, indiferentemente – *entia non sunt multiplicanda praeter necessitatem*), não se confunde com cultivar o subjetivismo. E muito menos o subjetivismo absurdo, *pro domo*, caprichoso, sem qualquer apoio na realidade e na realidade estudada cientificamente. Ser-se terraplanista, negacionista de pandemias, ou do Holocausto, não são manifestações de sentido crítico. Pelo contrário, são exemplo de credulidade perante correntes de propaganda anticientífica. Outros exemplos, mais políticos, se poderiam invocar... Há quem acredite em fantasias só por fanatismo ideológico. O que não quer dizer que sempre que haja fumo não possa haver algum fogo... ou então “sinais de fumo”.

Pensar pela própria cabeça é isso mesmo: pensar por ela, não pela dos pretensos originais, ou contestatários, ou contra o *mainstream*. Ser do contra não tem nada a ver com pensar com a própria cabeça. Há mil e uma formações pretensamente alternativas que são apenas submissões a paranoias de gurus ou grupos de lunáticos, designadamente ocultistas⁴. Em contrapartida, uma integração plena nos discursos oficiais (que felizmente em democracia são de algum modo plurais, pelo menos em alguns aspetos), não garante exercício de sentido crítico. O mais normalmente indiciador (mas só indiciador) de um equilibrado sentido crítico é o de uma compreensão superior e integrada das coisas. Em que se compreendem as narrativas do *establishment* e as plausíveis e razoáveis versões de algumas alternativas efetivas. De algum modo se podendo dizer que quem exerce o espírito crítico não é nem um seguidista nem um revolucionário puro. Antes uma espécie de *insider / outsider*. Evidentemente, estamos a generalizar muitíssimo. Depende muito dos tempos, dos lugares, das pessoas.

Longe do subjetivismo e do alinhamento com verdades pretensamente alternativas (que pululam hoje na *Internet*), o pensamento crítico obriga a que as teorizações e interpretações passem pelo crivo da veracidade de dados (cujas fontes é sempre necessário investigar e sopesar) e da lógica do seu uso. Evidentemente que há dados que é impossível a um particular pessoalmente ir verificar. Por isso tem de fiar-se nos mediadores (*opinion makers, media, revistas científicas, etc.*) credíveis. Perante uma afirmação ou uma teoria de um comentador de vão de escada e o que sobre tal diz um grande periódico internacional com créditos firmados, já se sabe que duas mentalidades se afrontarão. Os que acham que somos sempre enganados pelo *establishment* (mesmo pelo *establishment anti-establishment*) considerarão que o franco-atirador, eventualmente um fanático perturbado, terá razão e irá desvendar as verdades ocultadas; os que, sem cegamente crerem que nos dizem sempre toda a verdade, desconfiam, isso sim, das teorias da conspiração e das cabalas, não darão por princípio grande crédito às pretensas declarações reveladoras, sempre bombásticas, do comentador desconhecido... que contudo pode passar para a ribalta por um passe “viral” de magia... Talvez ainda pior que tudo é a atitude de quem, sem ouvir ninguém, decide que algo é *assim, porque é assim mesmo*. Porque lho disse um anjo, um demónio, ou a intuição. Ou porque, “já se sabe”, “é evidente”, etc. Este tipo de

⁴ Cf., de entre imensidão, v.g., MORAND, Georges — *Guide totus de l'occultisme*, Jubilé, 2004. Obviamente, há outras dimensões e manifestações desse arregimentamento.

personalidades autoritárias e dogmáticas vivem ensimesmadas nas suas certezas: não possuem qualquer pensamento crítico.

Pensar pela própria cabeça implica que se saiba o que os outros, antes de nós, já analisaram, estudaram, ponderaram e concluíram.

Cruz Malpique usava a metáfora de uma paradoxal aranha intelectual, que consegue tirar o fio dos seus textos... nada menos que apenas de si própria. Tal não o fazia ele, nem eu, que frequentemente nos encontrávamos nesses templos de tesouros preciosos, onde podemos dessedentar a nossa vontade de saber, as bibliotecas. Hoje há também a enorme biblioteca da *Internet*. Mas, como recordava Umberto Eco, é preciso o maior cuidado para não cair nas suas malhas. Nas mãos da ignorância e da malevolência, é uma arma perigosíssima. Em boas mãos, com critério e discernimento, é uma ferramenta extraordinária, e hoje imprescindível.

Ora o pasmado basbaque que acredita em tudo o que de impressionante vê na *Internet*, e sobretudo no que é mais crítico e adverso ao comum e corrente, assim como o empedernido autossuficiente que crê ter a verdade no bolso, de ciência infusa, bem como, por exemplo, o que apanhou no ar, num café, num cabeleireiro, numa academia ou ginásio (ou num *chat* da *net*) umas ideias mal-alinhavadas e as rearranjou em seu proveito e diletantismo, nenhum deles tem qualquer sentido crítico. São cataventos de ideias que sopram por parte dos que querem formatar as cabeças alheias. Uns porque com isso ganham materialmente (há muitas ideias que vendem bem ou contribuem para vender outras coisas), ou porque essas ideias são antecâmaras de poder, ou simplesmente por vaidade de dominar as opiniões e obter fama de sabedoria, boa informação, competência, carisma, ou poderes mágicos.

Empedernido e pessoalíssimo, ou *Maria vai com as outras*, é sempre uma forma de dogmatismo essa ausência de sentido crítico.

Não quer dizer que quem tem sentido crítico não se possa enganar e ser enganado. Mas, em princípio, na esmagadora maioria dos casos, engana-se menos e é menos enganado. Quem possui sentido crítico sabe bem distinguir convicção, meramente subjetiva, certeza absoluta, em muitos casos inalcançável, e simples plausibilidade, que é a aproximação possível e razoável à certeza. Muita argumentação e encenação se esforçam por convencer que certas convicções são verdade, dando-lhes artificiais dourados de pretensa certeza...

Sabendo das fraquezas dos nossos meios para alcançar certezas, não deixa de ser significativo que Pascal considerasse que o esforço intelectual por pensar bem seria o próprio princípio da moral e não apenas uma *démarche* gnoseológica. E nos seus *Pensamentos*, sintetiza: “Il faut savoir douter où il faut, se soumettre où il faut, croire où il faut.”⁵

III. Espírito Crítico e Sociedade Hodierna

Para se ter espírito crítico é necessário possuir uma viva curiosidade e propensão para a pesquisa, ainda que não necessite de ser uma vocação de investigador científico. Pelo menos, é necessário amor genuíno à descoberta da verdade, não por adesão fácil, cómoda e comodista aos impropérios e teorias da conspiração que, sobre qualquer tema, nos conduzem aos *suspeitos do costume*, e à sistemática crítica demolidora dos poderes e instituições. Não quer dizer que em muitos casos não sejam poderes e instituições culpados de muita coisa. Mas o que

⁵ PASCAL, Blaise — *Pensées*, ed. Brunchvicq, Paris, Garnier, 1925.

revela ligeireza e falta de rigor é a verrina, o discurso pomposo e bombástico, que não prova nada e apenas incita as pessoas a acreditar porque estão cansadas de ser maltratadas, e precisam de um óbvio bode expiatório. Seria bom recordar o que ocorreu com o nazismo e os seus bodes expiatórios. Mas, não se sabe porquê (decerto pela desatenção generalizada e pelo facilitismo superficial das interpretações), das muitas centenas de filmes sobre o tema, parece não ficar a principal lição a tirar...

Mesmo a comunicação social não assumidamente iconoclasta a torto e não demolidora a direito, ao não verificar as suas fontes, ao confundir coisas evidentes, e poder ser desmentida facilmente por quem esteja nos meios respetivos, se se desse a esse trabalho (por exemplo, nos domínios da educação e da justiça, os equívocos óbvios e de facto proliferam), resvala para um limbo de não fidedignidade que lhe retira crédito. A presente grande crise do jornalismo deve-se a imitar em muitos casos já a sem-cerimónia passiva dos não jornalistas das redes sociais – tem sido observado por quem sabe.

É preciso saber-se que se é anão. Anão que pode permanecer anão, ou tentar saltar para os ombros de gigantes (para retomar um muito glosado símile de Bernardo de Chartres). Ou, pelo menos, de outros que viram mais longe. Tal só se consegue com esforço, com estudo, com discernimento.

Portanto, quando nas escolas começou a imperar certa preguiça de ensinar, e em vez disso se passou a simplesmente incentivar uma forma de ocupação inócua de “tempos livres”, com convite a que cada um fizesse o que lhe apetecesse, como dando largas à expansão da sua criatividade, cada aluno passou, em algumas etapas, pelo menos, da sua formação, não propriamente a dar largas ao seu espírito crítico: apenas (positivamente) passou a libertar-se do temor reverencial face a professores antigos, austeros e um pouco amedrontadores. Mas, negativamente, não aprendeu grande coisa, nem se auto formou (claro que mil pedagogos poderão dizer o contrário...): *nemo dat quod non habet*. Disse, sobre o que desconhecia, o que lhe palpitou, ou inventou... Pode ter sido libertador, reconhecemos. Mas não foi formativo, em si.

Não contribuiu, senão para a descontração (que também pode ser fonte de petulância e excessiva autoconfiança, contrária à necessária *humilitas* do estudo, que foi admiravelmente exaltada por Tomás de Aquino⁶); não para o espírito crítico. É certo que este necessita de não estar tolhido por autoridades dogmáticas e medo de exprimir-se. Se tal ocorre será, além de crítico, também de resistência. E há quem haja forjado o seu espírito crítico num ambiente de opressão e mentira. Porém, em democracia, hoje, seria bom que ele se exercesse de forma mais natural e não como contracultura.

Porém, no contexto democrático, não pode resumir-se ao falar por falar, sem estudo prévio e sem reflexão sobre dados e interpretações, realidades e perspetivas.

O mero incentivar a que os estudantes manifestem quem são, sem modelos, sem normatividades (obviamente não se tem saudades de formações, obscurantismos, castigos, etc.), não é de modo algum um triunfo do sentido crítico: foi, isso sim, uma perigosa ajuda à sem-cerimónia do dizer-se apressadamente o que se não pensou, maturou, estudou, refletiu.

Não importa saber se essa liberalidade para com a mera opinião infundada, demagógica, mas à massa simpática (embora inibidora dos estudantes mais sérios, mais conscienciosos, menos extrovertidos – veja-se o estudo sobre a vigência da

⁶ E perpassa, nomeadamente, pelos vários conselhos de *Sexdecim monita Thomae de Aquino pro acquirendo scientiae thesauro*.

extroversão de Jean Lauand⁷), terá tido uma influência decisiva para a institucionalização do “lixo” (impropérios, verrina, etc.) em que se traduzem comentários em muitas redes sociais: verdadeiro altar público da má educação, perfídia, grosseria, boçalidade, inveja, calúnia, injúria, e em geral mentira, deformação mental e tantas tolices, patéticos e até crimes, que é necessário uma higiene termal, uma cerca sanitária de bom senso e bom gosto.

Nem é preciso frequentar as redes sociais, armadilhas em que tantos e tantas de boa-fé caem... e ainda lá estão. Basta, na vida corrente das compras *online*, tornadas necessárias pelas quarentenas da pandemia, dar, inadvertidamente até, uma vista de olhos pelas opiniões publicadas na *Internet* sobre produtos ou serviços. As classificações comentadas de restaurantes, por exemplo, contêm observações superlativas, naturalmente, em grande medida, dependentes do paladar e das expectativas dos comentadores. Em todas estas notas públicas há decerto bastantes catarses de pessoas pouco equilibradas, pouco comedidas, ou mesmo pior. É toda uma enorme janela que se abre sobre o conhecimento de nós, da nossa sociedade. Muito mais descontente, azeda, agressiva, do que poderiam fazer adivinhar os proverbiais *brandos costumes* que se nos atribuíam como *ethos* nacional⁸.

Trata-se de um barómetro assustador do carácter anómico, doentio, das nossas sociedades contemporâneas. E igualmente manifestação eloquente do que o sentido crítico não é. O que se vê, nestas e noutras manifestações (relatam funcionários públicos de atendimento ao público que há também muita incompreensão e até insulto contra quem está atrás de *guichets* – embora desse lado também possa haver sobrançeria e lentidão, ou burocracia insuportavelmente irritante, por exemplo), é, sobretudo, a crítica sistemática, que já ganhou o decerto plebeu, mas não pouco impressivo, epíteto de “bota-abaixismo”.

O sentido crítico, pelo contrário, é calmo, ponderado e ponderador, pesa prós- e contras-, bens e males, matizes, e é tolerante e até convivente, sendo o caso. Não apela aos linchamentos de tudo e todos os que escolheu abominar. Não se regozija com o leão moribundo, nem lhe dá pontapés. Nem faz festa quando falecem os seus inimigos de estimação, pessoais ou simbólicos.

Além disso, a tolerância e a convivência acarretam boas maneiras. Ter sentido crítico é não ser *yes man* ou *yes woman*, dizer que sim (e até louvaminhar) às modas, aos poderes, às grandes personagens (o *grand seigneur* de hoje⁹). Mas também não é ter um discurso de plástico, redondo e cinzento de *nem-nem-ismo*¹⁰, nem ainda exercer sem limites nem discernimento a catilinária sistemática, disparando em todas as direções.

O espírito crítico implica uma atitude de discernimento que, como dissemos e deve sempre insistir-se, obriga ao estudo e à pesquisa autónoma, assim como à

⁷ LAUAND, Jean — “Vigência” e Educação – a Ditadura da Extroversão, in “Videtur”, vol. 26, ed. eletrónica: http://www.hottopos.com/videtur26/jean.htm#_ftn13 (consultado ultimamente em 27 de maio de 2022).

⁸ De entre muitos, em geral, v.g., PEREIRA MARQUES, Fernando — *Sobre as Causas do Atraso Nacional*, Lisboa, Coisas de Ler, Dezembro de 2010; LOURENÇO, Eduardo — *O Labirinto da Saudade. Psicanálise Mítica do destino Português*, Lisboa, Dom Quixote, 1978. E os mais clássicos QUENTAL, Antero de — *Causas da Decadência dos Povos Peninsulares*, 6.ª ed., Lisboa, Ulmeiro, 1994; PASCOAES, Teixeira de — *Arte de Ser Português*, nova ed. com prefácio de Miguel Esteves Cardoso, Lisboa, Assírio & Alvim, 1991.

⁹ A obra de base (mas existindo inúmeras derivações do tema, até contemporâneas) é a de KANT, Emmanuel — *D'un ton grand seigneur adopté naguère en philosophie*, trad. fr. de L. Guillermit, Paris, Vrin, 1982.

¹⁰ Cf. BARTHES, Roland — *Mythologies*, Paris, Seuil, 1957, ed. port. com trad. e Prefácio de José Augusto Seabra, *Mitologias*, Lisboa, Edições 70, 1978.

ponderação. Se há coisa mais reveladora da falta de espírito crítico (ou então de grande cinismo de quem lança a pedra e esconde a mão) é aquela atitude, aparentemente ou realmente ingênua, de quem como *auctoritas* invoca a televisão: “Vi na televisão”, “Deu na televisão”. Não importa em que canal, dito por quem, em que contexto.

Portanto, é necessário estudo, investigação e ponderação. E formada a opinião, conhecidas e sopesadas as fontes (todas, orais, escritas, de vários moldes), requer-se desenvoltura, e por vezes até coragem. Esta coragem vai do ser capaz de não dizer ou fazer o que o círculo em que alguém se move pensa ou faz, ainda que em coisas mais ou menos veniais, até poder ter que afrontar um estado de coisas severamente adverso às conclusões do pensar pela própria cabeça. Como é o caso de alguém com um pensamento democrático num contexto ditatorial.

Normalmente, não é necessário espírito crítico para fazer o que os outros fazem, querer o que todos querem, opinar o que anda nas bocas do mundo, vestir o que os demais do nosso círculo vestem, odiar o que (e quem) os nossos amigos odeiam, e amar o que por regra se ama. Há umas tantas desinências permitidas, e outras proibidas, e algumas num limbo intermédio, a que no Brasil, com graça e propriedade, se chama o “meio proibido”.

Claro, também, que existem “tribos”, que do ponto de vista linguístico se evidenciam em socioletos: com jargões próprios, ou simplesmente estilos ou *tournares* de linguagem particulares. *Diz-me como falas, dir-te-ei quem és*, ou seja, a que grupo pertences. Veja-se o excelente *Pigmaleão*, de Bernard Shaw e as suas várias versões cinematográficas (cada qual a melhor), *My fair lady*.

Porém, apesar da inserção em grupos (que só em parte é uma inevitabilidade nas sociedades pluralistas e urbanas, havendo muitos grupos, nelas, bastante maleáveis e heteróclitos), a ingência do viver como a própria cabeça manda que primeiro se examine esses rituais e hábitos com critério e crítica. Não se deve privilegiar a integração pura e simples se ela nos forçar a atitudes miméticas contrárias à nossa razão e ao nosso querer pessoais. E sabemos como hoje proliferam seitas (religiosas, políticas e mistas) que arrematam pessoas com *slogans* simplistas e toda uma mitologia e *mise-en-scènes*, muitas vezes com ideais totalitários e práticas contrárias à dignidade da pessoa humana. Os abusos de alguns dos respetivos líderes estão amplamente documentados, e tanto, que até tememos que possam, pelo menos em alguns casos, ser exageros sensacionalistas, publicados por umas seitas para desacreditar outras.

Há a necessidade, pois, de analisar tudo com rigor e distanciamento, e sentido de lucidez. Sem amarras a atavismos. É preciso, como proclamou Descartes nos seus *Princípios de Filosofia*, “pelo menos uma vez na vida pôr todas as coisas em dúvida”. As pertenças institucionais de crença (como partidos e igrejas – não falemos sequer nos clubes desportivos) são das maiores vinculações. Mas André Comte-Sponville vai mais longe: mais que uma crença religiosa, estão os valores morais, frequentemente adquiridos e vividos à sombra dessa pertença institucional. Pode-se eventualmente perder uma fé transcendente, deixar de aderir a uma teologia. Mas mais complexo ainda será, à mesa familiar de domingo (cremos ser o seu exemplo), dizer aos filhos e netos que toda a mundividência que se lhes ensinou estava errada. Isso seria incomum. Contudo, ato de grande coragem. E não impossível para quem resolvesse colocar em dúvida tudo, absolutamente tudo.

Não se deixe ainda de sublinhar o que deveria ser uma evidência, mas não o é, nos tempos que correm, desatentos ao essencial. O espírito crítico não deve ser apenas um privilégio de uma elite intelectual. Aliás, de pouco serviria a essa elite (seria

mesmo uma espécie de uma maldição) encontrar-se isolada no mundo, entre gente ignara e acéfala, acrítica. O espírito crítico, pelo contrário, deve ser atingido por todos. Exige esforço, e por isso é tão necessário que os *media*, a Escola e a Família não sejam facilitistas.

Além do mais, no plano cívico-político, só com espírito crítico é que as democracias resistirão aos ataques da esmagadora propaganda das *fake news* e maquinações dos diversos candidatos a autocratas. A demagogia e o populismo são produtos de fácil consumo, e apenas a exigência da sua desconstrução crítica, como verdadeira vigilância da Liberdade, pode resistir. O que não está a ser fácil.

Mas há, evidentemente, que distinguir a exigência geral de espírito crítico, que é uma necessidade democrática e para todos, rigorosamente para todos, e outras escaladas na senda do conhecimento e da elevação em geral. Prescindido da clássica questão de se um dia todos poderão ser artistas (e, já agora, filósofos, por exemplo), pelo menos para já, também há que cultivar as vocações de amigos das Humanidades, da Filosofia, etc.. Sempre pode haver opinadores com ar mais ou menos pedante, ou sapiente, ou empático, comunicativo, ou sedutor (para todos os gostos), mas não se improvisam intelectuais profundos e sérios. E esses são como que uma espécie de guarda avançada do espírito crítico geral. Não para serem gurus por cujas ideias os demais alinhem. Mas porque terão obrigação de estudar mais, viver mais o mundo do espírito. Ser não condutores de massas, mas exemplos inspiradores. Afinal, é esse o seu trabalho. Dois livros, já com alguma patine do tempo, mas ainda com muitas ideias válidas, podem inspirar essa especial forma de vida, do intelectual: *La Vie intellectuelle*, de Sertillanges, e *O Homem de Letras*, de Cruz Malpique. Além, evidentemente, dos conselhos de Tomás de Aquino. Seria interessante escrever uma versão atualizada dos ideais que estas obras procuraram alcançar. Desde que, evidentemente, se não viesse a cair, como é tantas vezes o caso, na superficialidade e tentativa de *captatio benevolentiae* excessiva, que tudo tende a tornar lúdico, simples, agradável, fonte de prazer. Nem tudo começa assim: *ad augusta per angusta*. É preciso trabalhar. E o trabalhador intelectual, o intelectual, é um laborador sem horário, permanente.

IV. Um Lugar que seja seu

No início do seu *Der Weg des Menschen*, Martin Buber¹¹ recorda o diálogo do rabi Schneur Zalman (de Liadi) com o chefe da polícia russo que o mantinha encarcerado. Por este último perguntado sobre algumas dúvidas escriturísticas, explica o Rav que Deus em todo o tempo (ou em cada tempo, em cada momento) interpela o Homem. E, para ser mais direto, revela a idade do agente da autoridade que tinha diante de si: “Deus diz, por exemplo: Eis que viveste 46 anos, onde estás tu?”.

Essa é a grande questão que cada um, em cada momento, tem de fazer a si mesmo, quer se preocupe ou não, religiosamente, com prestar ou não contas a uma Divindade: é a pergunta por saber onde cada um de nós está. O que implica saber o que fez até ao momento, como se situa ou posiciona no mundo naquele instante, e o que planeia fazer para o futuro. Essa complexa mas inafastável (“incontornável” é um modismo que já cansa) indagação é o mais importante na vida. E corresponde à síntese aplicada do sentido crítico. Só quem exerce profundamente e sobre si mesmo o sentido

¹¹ BUBER, Martin — *Der Weg des Menschen*, trad. port. de Artur Morão, *O Caminho do Homem. Segundo o Pensamento Hassídico*, Introdução de Manuel Duarte de Oliveira, Prior Velho, Paulinas, 2022, p. 31 ss..

crítico está em condições de lhe responder. Todos os demais estarão envoltos numa nuvem de ilusões acerca de si mesmos, do que foram, por onde andaram, o que desejaram, e onde estão chegados. Se há imensas ilusões sobre o mundo exterior, elas avultam quando alguém tem de pensar-se a si mesmo. Daí que o imperativo de Delfos seja sempre uma dura empresa a empreender: *conhece-te a ti mesmo*.

Quando se é capaz de fazer o autêntico, sincero, até impiedoso balanço, uma localização e uma prospectiva realmente autocrítica (o que não significa autoflagelação e culpabilização, mas exercício do sentido crítico) sobre o conjunto de uma vida até o momento, aí sim, ter-se-á atingido a suficiente prática do espírito crítico.

Não é nada mau exercê-lo face ao mundo, às coisas, aos outros (ainda que, necessariamente, com prudência, tolerância, busca de convivência com “o outro”). Mas é mais árduo e tarefa mais alta ainda ser-se capaz de profunda e avisada (desperta) autognose, e decisão prática. Eventualmente, até, no limite, para ser capaz de tomar a decisão de uma mudança de rumo. Mudar de vida pode ser uma grande contribuição pessoal para a mais generalizada tarefa de “mudar a vida”.

Finalmente, e por outro lado, importa muito *orientar-se no mundo*. Ou seja, saber-se onde se está. Por isso é tão simbólico o dito atribuído a Lutero na Dieta de Worms: "Hier stehe ich. Ich kann nicht anders.". Lutero não podia deixar de pensar e de dizer em conformidade. Era superior a si. Recordemos um lugar paralelo: Chamfort dirá, séculos depois, mas a “limitação” parece ser a mesma: “Si je n’étais pas incorrigible il y a bien longtemps que je serais corrompu”.

A forma que Lutero encontrou, por seu turno, fora dizer que ali estava, ali permaneceria. É nas suas teses que ele, afinal, “se encontra”. E encontrar-se é estar, permanecer, mas também tem o significado (pelo menos para nós, mas decerto também para si) de se entender a si mesmo. Essa posição será também auto esclarecimento.

Como diz Martin Buber: “Há algo que só se pode encontrar num único lugar no mundo. É um grande tesouro: pode dar-se-lhe o nome de realização da existência. E o lugar onde se encontra este tesouro é o lugar onde se está”¹².

O sentido crítico é o grande mapa e a única bússola para encontrar o lugar onde se está, onde cada um se encontra. E de onde pode conhecer-se a si mesmo (como no imperativo delfico) e eventualmente responder à pergunta de Deus a Adão (a todos os adões que somos); “onde estás?”¹³.

Recebido para publicação em 29-05-22; aceito em 09-06-22

¹² BUBER, Martin — *O Caminho do Homem*, cit., p. 74.

¹³ Gén. III, 9.